

## António Aragão

### Texto:

*a poesia sempre variou de expressão.*

*por um lado, a descoberta duma dada expressão corresponde a uma aquisição instrumental necessária para servir aquilo que o poeta em dado momento tem para dizer.*

*a busca incessante de expressões diferentes, como se passa afinal em todas as artes, é tremendamente provocada pela necessidade de conhecer e dar as realidades (todas) do espírito humano.*

*a poesia, de facto, sempre variou de expressão.*

*basta-nos apontar alguns casos:*

o bustrofédon grego assentava sobre o ritmo e não quis saber do verso nem da rima.

a poesia romana inventou estrofes compreendidas dentro dum número fixo de pés.

a Idade Média descobriu a rima.

os clássicos e os românticos, partindo de determinadas construções estéticas, abriram outros campos inexplorados da acção e dos sentimentos.

Baudelaire sobrepõe à anedota um princípio de analogia universal.

Verlaine inventa novas ordenações em favor da musicalidade, ou seja, destrói as ordenações existentes em proveito da música do poema.

Rimbaud modifica formas e sintaxes.

Mallarmé, Paul Valéry, Reverdy e muitos outros, estabelecendo novas relações estruturais, intensificaram a palavra poética.

o surrealismo através da destruição e do automatismo desordenou as palavras e o seu discurso.

o letrismo descobre sobretudo outros materiais para construir poemas, permitindo-se um novo formalismo.

de oral (até à Idade Média) a poesia tornou-se depois escrita e, agora, em nossos dias, foi arrebatada pelos sentidos: poesia /visual/, /auditiva/ e /táctil/

fez-se também /respiratória/: a poesia sopro de [Pierre Garnier]

requereu-se alfabética e mais rica de expressões linguísticas: de [Cumings] a [Emilio Villa]

ou então baseou-se em procedimentos cibernéticos ou esquemas combinatórios: [Nanni Balestrini] e [Raymond Queneau] e tantas outras experiências que continuam e continuarão até à (in)consumação dos tempos.

*sem dúvida que a conquista de outras expressões, em vez de destruir a poesia, é afinal a sua maneira de caminhar no tempo, e é o seu contínuo e inesgotável poder de metamorfose que lhe confere validADE e presença no mundo.*